

O 1º RELATÓRIO PASTORAL REFORMADO DA AMÉRICA LATINA: O “JURNAEL” DO REV. JODOCUS A STETTEN

*Frans Leonard Schalkwijk**

RESUMO

No contexto de luta contra o império mundial espanhol, a Holanda ocupou o nordeste brasileiro produtor de açúcar de 1634 a 1654. Com a invasão veio também a igreja reformada, primeiramente na forma de congregações militares, mas logo em seguida com os colonizadores, funcionários da companhia, mercadores e outros. No total, cerca de 22 igrejas foram plantadas ao longo da costa, de Sergipe ao Maranhão, utilizando muitos pregadores holandeses e também alemães, franceses, ingleses e até mesmo espanhóis. Um deles foi o alemão Jodocus a Stetten. Tendo chegado ao Brasil em 1632, serviu a maior parte do tempo como capelão militar. Quinze anos depois, foi capturado e levado para a Bahia, domicílio do governador português e do bispo católico romano. Ouviu-se falar em Recife que eles o queimariam a fim de que nunca mais pregasse. A Holanda tentou em vão trocá-lo por prisioneiros portugueses. Em 1651 foi transportado para Portugal para nunca mais se ouvir falar dele novamente. A viúva de Stetten recebeu sustento financeiro para a família até a sua morte em 1665. Diversas cartas de Stetten sobreviveram nos Arquivos Nacionais da Holanda em Haia. Um desses documentos é um interessante relatório de 1636 sobre o seu ministério na Paraíba: reuniões do conselho, batismos, cultos, casamentos e diaconia. É, na verdade, o primeiro relatório pastoral reformado da América Latina, certamente escrito como defesa durante uma ocasião em que Stetten estava suspenso temporariamente do ministério.

PALAVRAS-CHAVE:

Brasil holandês, igreja reformada, Paraíba, Jodocus Stetten, liberdade religiosa, diaconia.

* *O autor é ministro da Igreja Reformada Holandesa, com mestrado no Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Estados Unidos, e doutorado em história na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. É professor visitante do CPAJ.*

INTRODUÇÃO

No século 16, os Países Baixos pertenciam à coroa da Espanha. Na segunda metade desse século, o rei Filipe II subjugava essas províncias nórdicas política, econômica e religiosamente, reprimindo com violência a crescente reforma protestante. Isto causou uma revolta popular, levando a uma guerra aberta (1568), a “guerra dos 80 anos”, que terminaria com o reconhecimento da independência dos Países Baixos na Paz de Westfália, em 1648. Os recursos financeiros da coroa espanhola para custear essas e outras campanhas militares provinham em grande parte da América espanhola, trazidos pelas “frotas de prata”, mas também do Brasil português, mormente nos carregamentos de açúcar, visto que Portugal estava sob a coroa da Castela (1580-1640).

Numa tentativa de “fechar as veias” do rei da Espanha, os holandeses ocuparam o Nordeste do Brasil em 1630. Foi a Companhia das Índias Ocidentais que coordenou a conquista. Geralmente distinguem-se três períodos nesse intervalo renascentista da história colonial brasileira. Inicialmente, sete anos de implantação do domínio batavo e a resistência portuguesa (1630-1636). Em seguida, cerca de oito anos de florescimento da colônia holandesa sob o governador João Maurício de Nassau-Siegen, que levou à resignação temporária dos moradores (1637-1644). Finalmente, começou a revolta dos lusobrasileiros (1645) o que causou o fenecimento do domínio holandês, terminando na sua expulsão final em 1654.

A Igreja Reformada veio com a bandeira holandesa, primeiramente em Pernambuco. Todavia, logo começou a se expandir, até que, no auge da colônia (1641), havia cerca de 22 igrejas e congregações reformadas ao longo do litoral nordestino, de Sergipe até o Maranhão. Inicialmente eram igrejas compostas de militares, mas em breve também passaram a incluir funcionários, comerciantes, colonos e outras pessoas. Durante os anos do “tempo dos flamengos”, essas igrejas foram servidas por um total de 54 pastores e uns 90 evangelistas, os chamados “consoladores de enfermos”. Esses obreiros eclesiásticos eram em grande parte oriundos das Províncias Unidas, mas também havia alguns de outros países. Assim, havia pastores ingleses, franceses, alemães e até dois espanhóis.

Entre os sete pastores alemães havia vários que queriam permanecer no Nordeste, preferindo o Brasil à sua terra natal, que sofria com a cruel Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Um deles era o Rev. Jodocus a Stetten que serviu pelo menos por 15 anos no Brasil holandês, geralmente como capelão do exército (1632-1647). Esse ministro, cujo relatório pastoral de 1636 está preservado em forma de manuscrito no Arquivo Nacional dos Países Baixos, em Haia, é o objeto do presente artigo.

1. O AUTOR DO RELATÓRIO

O pastor Stetten foi uma pessoa interessante, “uma singular personalidade”¹ durante a época do Brasil holandês (1630-1654).² Seria possível escrever uma biografia ou até um romance histórico desse “enérgico e

ativo missionário”,³ pois há muitas referências a ele, tanto nos documentos do governo⁴ como nas atas do Presbitério do Brasil.⁵

Stetten era um pastor proveniente da Alemanha, provavelmente expulso da sua terra natal pela Guerra dos Trinta Anos. Na Holanda, geralmente serviu em regiões ultramarinas das companhias comerciais. Assim, em 1630, já era predicante em Guiné pela Câmara de Zelândia⁶ e, depois de regressar, foi enviado para o Brasil em 1632.⁷ Serviu especialmente como capelão do exército desde o Rio Grande do Norte até a fronteira com a Bahia. Foi expulso da sua igreja militar no Cabo de Santo Agostinho pela revolta dos portugueses, em 1645, mas voltou ao sul de Pernambuco em 1647, sendo destacado para a recém-recapturada fortaleza Maurício, no rio São Francisco, pelo curto espaço de alguns meses.⁸ Regressando num barco ao Recife, foi aprisionado pelos portugueses e conduzido à Bahia. Várias tentativas foram feitas para trocá-lo por prisioneiros portugueses, mas foram todas em vão. Sobre esse episódio, Pierre Moreau, o secretário francês de um dos governadores, escreveu na sua História que os dois franciscanos presos pelos holandeses na ilha de Itaparica, enviados ao Recife, contaram que (os portugueses) queimariam “Astette” e que ele jamais tornaria a pregar, pelo que a sua mulher não teve mais repouso. O governo recifense mandou dizer à Bahia que tratariam os dois franciscanos exatamente como o rev. Stetten. Este, então, ganhou mais liberdade dentro da cidade de Salvador. Havia a possibilidade de trocar o pastor por um dos padres, mas estes só queriam sair juntos, pelo que a troca não se efetuou. A última notícia que se tem de Stetten é que os presos haviam sido transportados para Portugal em 1651.⁹

¹ RODRIGUEES, José Honório (Org.). *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil, 1640-1649*. Amsterdam, 1682; São Paulo: Martins, 1942, p.70 n. 67.

² Para a história geral do Brasil Holandês, cf. BOXER, C. R. *Os Holandeses no Brasil, 1624-1654*. São Paulo: Editora Nacional, 1961. Sobre a história da igreja, cf. SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil Holandês, 1630-1654*. São Paulo: Vida Nova, 1989 (preparo da 3ª ed. Revisada pela Cultura Cristã). Edição inglesa: *The Reformed Church in Dutch Brazil, 1630-1654*. Zoetermeer: Boekencentrum, 1998.

³ PEREIRA, José Higinio D. Relatório. In: *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano* (depois: ‘RIAP’; Recife; 1886, reprodução 1977), t.30 s.d., p. 20.

⁴ Como nas atas diárias do governo no Recife (Dagelijks Notulen, depois DN) e na coleção de Cartas e Papéis do Brasil (Brieven en Papieren uit Brazilië, BPB) no arquivo da Companhia das Índias Ocidentais (Oude West-Indische Compagnie, OWIC) no Arquivo Nacional em Haia (antes Algemeen RijksArchief, ARA); transcrições na Coleção Higinio do Instituto Histórico Pernambucano no Recife [índice na RIAP t. 30 [1886], pp. 138-165].

⁵ Atas do Presbitério do Brasil (Acta Classis Brasil, ACB). Cf. SCHALKWIJK, *A Igreja Cristã Reformada no Brasil Holandês*, Atas de 1636 a 1648. In RIAP t58 (1993), pp. 145-284.

⁶ JOOSSE, L.J. *Scoone dingen sijn swaere dingen*. Motivos missionários reformados na Holanda na 1ª metade do século XVII. Leiden: Groen, 1992, p. 453.

⁷ Atas da Câmara da Companhia das Índias Ocidentais em Zeeland, 4 e 7/10/1632. In: *ARA-OWIC* 21, p. 126s.

⁸ 11/1646 até 4/1647, *ACB*, introdução, 1/1647.

⁹ DN 3/4/1647; 5/10/1647; 4/6/1650; 2/3/1651. Cf. MOREAU, Pierre. *História das últimas lutas no Brasil entre os Holandeses e Portugueses*. Belo Horizonte: Universidade de São Paulo & Itatiaia, 1979, p 68s.

Enquanto esteve no campo, Stetten escreveu muito na grafia típica da sua língua alemã original. Há pelo menos treze documentos com a sua assinatura,¹⁰ dando, às vezes, importantes informações complementares. Assim, por muito tempo até mesmo o grande historiador José Higinio Pereira pensou que um dos pastores na Paraíba, um tal de Jan Loos, fosse um carrasco.¹¹ Já o pastor luterano H. Andrae opinou que Loos era um pregador leigo dos primeiros anos. Andrae tinha razão,¹² pois descobriu-se uma carta de Stetten que informa a chegada de um indivíduo (no navio “N. v. Dort”) que durante a viagem havia sido nomeado consolador pelo capitão, e que anteriormente, na Holanda, havia sido ajudante do delegado de polícia, encarregado de prender e levar malfeitores para serem executados, e que havendo chegado à Paraíba se tornou carrasco por moto próprio, causando grande escândalo para a igreja reformada.¹³ Loos não tinha sido enviado por nenhuma igreja e de certo somente porque sabia ler bem foi que o capitão do navio o encarregou da leitura diária da Bíblia e das orações durante a travessia. É que a companhia não havia mandado nenhum “consolador de enfermos” no navio, como a igreja sempre insistia.¹⁴

¹⁰ Em ordem cronológica: (1) 9/8/1635: carta de Stetten à Câmara de Zelândia. In: *ARA-OWIC* 50 e *BPB* 1635/13; (2) 12/12/1635. In: *ARA-OWIC* 50 e *BPB* 1635/23; (3) 8/3/1636: relatório pastoral 1635/36. In: *ARA-VWIS* 1408 e *BPB* 1636/33; (4) 16/5/1636: atestação de D. Schagen e Stetten para rev. J. H. Oosterdach. In: *ARA-OWIC* 51 e *BPB* 1636/7; (5) 6/7/1636: carta de Stetten aos XIX. In: *ARA-OWIC* 51 e *BPB* 1636/18; (6) 8/11/1636: IDEM à [Câmara de Zelândia]. In: *ARA-OWIC* 51; (7) 28/7/1638: IDEM à [Câmara de Zelândia]. In: *ARA-OWIC* 53; (8) 10/9/1640: IDEM à Câmara de Zelândia. In: *ARA-OWIC* 55 e *BPB* 1640/15; (9) 23/7/1644: IDEM ao Governo no Recife. In: *ARA-OWIC* 59 e *BPB* 1644/11; (10) ?/4/1645: IDEM ao Governo no Recife. In: *ARA-OWIC* 60 e *BPB* 1645/16; (11) 24/6/1645: IDEM ao Governo no Recife. In: *ARA-OWIC* 60 e *BPB* 1645/20; (12) 1/9/1645: IDEM ao Governo no Recife. In: *ARA-OWIC* 60 e *BPB* 60; (13) 13/4/1646: IDEM aos XIX. In: *ARA-OWIC* 61 e *BPB* 1646/7.

¹¹ RIAP t30 (1886), p. 30. Cf. CARVALHO, Alfredo. Minas. In: RIAP t64 [1904], p. 776s; e COSTA, F.A. Pereira. *Anais Pernambucanos*, 10 vols. Recife: Arquivo Público Estadual, 1952-1966, tIII, p. 5; baseando-se num despacho do governo holandês, onde Loos, chamado “domine”, foi nomeado carrasco na Paraíba. O despacho de 26/1/1635 não se encontra nos DN, porque, tanto no arquivo de Haia como no Instituto Histórico do Recife, os DN somente começam com 27/3/1635. Não foi possível ainda localizar a fonte da informação cuja citação se preservou no RIAP t30 (1886), p. 30 n.1.

¹² ANDRAE, H. Zur Geschichte der Reformierten Kirche in Hollaendisch-Brasilien: Die Diener des Herrn. *Almanaque do Sínodo Rio Grandense*, 1961, p. 48.

¹³ Carta de dom. Stetten à Câmara de Zelândia de 9/8/1635. In: *ARA-OWIC* 50 e *BPB* 1635/13: *dieflejer*.

¹⁴ Cf. ACB 10/1638 s4 a2; 4/1640 s8 a7. Sobre o caso de Loos, veja SCHALKWIJK, *Igreja e Estado*, p 201s.

As outras cartas também são importantes, inclusive aquela que se refere à matança dos portugueses em Cunhaú pelos tapuias riograndenses, no ano de 1645.¹⁵ O que nos interessa no momento é o relatório de Stetten sobre os anos de 1635 e 1636, na igreja da Paraíba, ou seja, o primeiro relatório pastoral reformado da América do Sul.¹⁶

2. O CONTEÚDO DO RELATÓRIO

Esse relatório trata do trabalho de Stetten na capital da Paraíba durante um período de meio ano, de outubro de 1635 até março de 1636. A Paraíba tinha se submetido ao domínio holandês em dezembro de 1634, e sua capital, antes chamada Filipina pelo rei Filipe IV da Espanha/Filipe III de Portugal (1621-1640), passou a ser chamada Frederiksstad pelo “stadhouder”¹⁷ Frederico Henrique de Orange-Nassau, da Holanda (1625-1647). Foi ali que a família Stetten residiu.¹⁸ Sem dúvida, havia cultos reformados desde o início do domínio neerlandês, mas foi esse pastor alemão que deu maior atenção à organização eclesiástica. Em 18 páginas pequenas, em papel não muito bom, mas com letra relativamente clara e não muito gótica, grafando muitas palavras com um forte “sotaque” alemão, ele informa sobre algumas reuniões do Conselho, sobre a celebração da Santa Ceia e a ministração de batismos e, finalmente, sobre a realização de um casamento e atividades de diaconia.

Stetten começa o seu “Jurnael” dizendo que é um relatório “das igrejas da Paraíba”. Nessa altura, de fato já havia pelo menos três “igrejas” nessa capitania, que usavam templos já existentes, mas “reformados” para o culto. A maior igreja estava na própria capital da capitania, a outra no litoral, na fortaleza do lado sul da desembocadura do rio Paraíba, a saber, o Forte Cabedelo (ou Catalina, depois Margarita), e finalmente mais uma na fortificação do lado norte, chamada forte S. Antoni.¹⁹

¹⁵ Cf. nota 10, #12. Cf. SCHALKWIJK, F.L. As Lágrimas de Cunhaú. *Últimato* 264. Viçosa, MG: 6/2000, p. 40. *Diário de Natal*, Cad. ‘Cidades’, RG, 2/4/2000, p. 8. SCHALKWIJK, F.L. Tapuias no Rio Grande do Norte no Tempo dos Flamengos. O panfleto do piloto Gerrit Hulck, 1635. Introdução e tradução’. In: RIAP t58 (1993), pp. 305-327.

¹⁶ O relatório dos pastores Richer e Chartier da França Antártica em 1557 foi escrita 3 semanas depois da sua chegada na Baía de Guanabara e é mais uma descrição da viagem e da situação na Ilha de Coligny. In: CALVINUS, I. *Opera Omnia*. Braunschweig, 1876ss, tXVI, cartas 2609 e 2613. Sobre a igreja reformada na América do Norte (1614-), veja de JONG, G.F. *The Dutch Reformed Church in the American Colonies*. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

¹⁷ Pronúncia: Stát-auder. *Stad-houder*, um tipo de governador estadual, ou interventor. O equivalente em português seria “politerono”, de polis-teron, guardador da cidade.

¹⁸ Carta de Stetten [à Câmara de Zelândia?], 8º/11/1636. In: *ARA-OWIC* 51, praticamente ilegível. Ou já tinha se mudado para algum destacamento militar no sul de Pernambuco?

¹⁹ Provavelmente havia somente uma ‘igreja organizada’, a da Paraíba, com três congregações (cidade, Cabedelo, Antoni). O trabalho sistemático entre os ‘Brasílios’ (índios tupi) começaria somente a partir do Presbitério de 3/1637. SCHALKWIJK, F.L. Índios Evangélicos no Brasil Holandês. *Fides Reformata*, 1997, tII/1, pp. 39-58. Forte Catalina ou Catarina; Forte Margarita (de Nassau).

Stetten era um obreiro consciente do seu encargo e da sua responsabilidade. Acrescentava ao seu nome a letra “D.” e a sigla “V.D.M.” A abreviação “D.” significa “*dominus*”, palavra latina para “senhor”, ainda hoje termo técnico holandês para pastor (“*dominee*”). Equivale ao português “rev.” (reverendo). Também se usava muito a expressão “predicante” para a tarefa principal do ministro, ou seja, pregar a Palavra de Deus. Por isso, como muitos outros pastores naquela época, inclusive no Brasil, Stetten colocava ainda a sigla V.D.M., ou seja, *Verbi Divini Minister*, servo da Palavra de Deus, apontando para o centro do seu ministério, ser um ministro fiel da mensagem bíblica.²⁰

Na época do relatório, Stetten não era o único obreiro responsável por aquela região, pois havia mais um pastor, o idoso inglês rev. Samuel Bachiler, além de mais dois “consoladores”. Estes eram como que evangelistas que trabalhavam sob a responsabilidade do conselho eclesiástico local.²¹ Além deles havia, como em cada igreja reformada, presbíteros e diáconos. Sem dúvida, especialmente no início, era muito difícil achar candidatos para esses cargos eclesiásticos não remunerados. Os presbíteros, juntamente com o pastor, tinham a supervisão pastoral dos membros, enquanto que os diáconos eram responsáveis pela assistência social da igreja, incluindo boa parte do cuidado aos doentes e estudantes, daí o hospital e a escola. Geralmente eram eleitos como oficiais homens de influência na sociedade. Isso também aconteceu na Paraíba, pois como presbítero aparece o nome do conselheiro Ipo Eyssens e, como diáconos, o comandante militar Willem Cornelissen e o senhor de engenho Menso Fransen.

Vários aspectos interessantes da vida reformada são patentes no documento. Assim percebe-se claramente no relatório que os casamentos e a instalação de oficiais eram precedidos de três “proclamas” (anúncios oficiais do púlpito), por três domingos em seguida, para ver se havia algum impedimento. Também é interessante a ênfase à diaconia, que aparece várias vezes no relatório com duas nomeações de diáconos e o recolhimento de coletas dominicais para a obra de assistência social.

Era muito importante a grande liberdade religiosa no período holandês. Ela salta aos olhos do leitor que se lembra da situação existente no século 17, com absoluta ausência de liberdade religiosa, e até de consciência, nos países católicos romanos. Este aspecto aparece claramente em dois lugares. O conselho discute o problema de que o pequeno sino do templo praticamente não podia ser ouvido por causa do badalar dos conventos. Não se resolve pleitear a proibição destes, mas mudar o toque do sino, para que seja distinguido dos demais. Ainda mais, o pastor anota que os pais de uma jovem catecúmena trocaram de nome ao se tornarem judeus! É que, sem dúvida, se tratava de “cristãos novos”, judeus forçados a se

²⁰ O pastor puritano inglês William Perkins, de grande influência na Holanda e também no Brasil holandês escrevia em todos os seus livros “thou art a Minister of the Word, mind thy business”.

²¹ Sobre ‘consoladores’, cf. SCHALKWIJK, *Igreja e Estado*, pp. 192-208. O termo *dominee* era usado também para consoladores, professores e leitores (como no caso de Loos, nota 11).

converterem ao romanismo, antes do domínio holandês. Porém, depois do natal de 1634 a liberdade concedida levou-os a tirar essa máscara angustiante.²²

Quanto ao estilo, à primeira vista Stetten parece um pouco presunçoso, não somente relatando o que fez, mas enfatizando por vezes que foi ele quem o fez. Porém, se levarmos em conta a situação em que se ele encontrava ao escrever o seu relatório, poderemos entender melhor o teor do mesmo. É interessante que nenhum outro “relatório pastoral” aparece nos arquivos desse período. De fato, nem era o costume, pois os pastores relatavam oralmente o que faziam, nas reuniões dos conselhos ou presbitérios, ou aos colegas “deputados classicais”²³ que os visitavam. Mas ocorre que, como Stetten escreveu, “*ey lacen Paraiba is mij seer suyr opgebrocken*”, ou seja, “infelizmente a Paraíba me fez sofrer muito”, usando uma expressão que aponta para a acidez estomacal. Com efeito, nessa altura Stetten tinha sido afastado do seu cargo e estava suspenso do ministério por algum tempo. Felizmente, o presbitério pôde restaurá-lo mais tarde e ele continuou o seu dinâmico ministério. Mas tinha sido uma época de muita provação.²⁴ Foi nesse tempo que ele escreveu o seu relatório e, prestando atenção, o leitor perceberá, aqui e acolá, esse tom de autodefesa. Assim, apontando para uma certa desorganização na jovem igreja da Paraíba, ele acrescenta: “...mas quando cheguei ali para cumprir a minha vocação naquele lugar...” E ainda, descrevendo os atos pastorais, enfatiza que seguiu “a ordem”, quer dizer, a “Ordem de Dordt”, que era a constituição das igrejas reformadas neerlandesas desde 1618. A mesma ênfase ocorre na menção dos proclamas antes da instalação de oficiais e da celebração de matrimônios.

Parece que de fato Stetten era um obreiro caprichoso e zeloso, mas talvez nem sempre sábio, causando várias vezes atritos locais. Entretanto, exatamente devido a Stetten, tem-se em mão um relatório interessantíssimo, um complemento valioso das atas presbiteriais e das cartas guardadas nos arquivos, principalmente em Amsterdã e Haia. Segue-se adiante a tradução desse manuscrito.

CONCLUSÃO

Depois da restauração de Stetten no ministério, ele serviu como capelão dos militares no sul de Pernambuco. Também fez várias expedições para o governo em procura de metais preciosos e foi comissionado para apaziguar os tapuias a fim de que não matassem todos os portugueses após a matança de Cunhaú (1645). Por último, ele serviu na fortaleza Maurício no Rio São Francisco, mas, como vimos, foi preso pelos portugueses e levado para a Bahia (1647) e finalmente para Portugal (1651), não se tendo nenhuma notícia posterior.

A Companhia deixou de pagar o seu salário porque já não servia ativamente; então, a *diaconia* da igreja reformada continuou a ajudar a sua família

²² Sobre liberdade religiosa, cf. *Ibid.*, cap 13-15.

²³ Sobre estes ‘visitadores’, cf. *Ibid.*, p 133s.

²⁴ *ACB* 3/1637 s6 a2; 10/1638 s2 a1.

carente. Provavelmente a última missiva eclesiástica a ser tratada pela comissão missionária de Amsterdã tenha sido uma carta da viúva Raquel a Stetten em que solicitava auxílio para sua família, auxílio esse que lhe foi concedido durante uma década depois de sua volta à Holanda, até a sua morte em 1665. De fato, nos documentos da Companhia das Índias Ocidentais há tantas referências ao Pastor Stetten que valeria a pena escrever uma monografia sobre esse esforçado servo de Cristo Jesus.

ABSTRACT

Within the context of their struggle against the Spanish world empire, the Dutch occupied the sugar producing Northeast of Brazil from 1634 until 1654. With the invasion came also the Reformed Church, first as military congregations, but soon settlers, company servants, merchants and others arrived. In all some 22 churches were planted along the coast, from Sergipe to Maranhão, served mostly by Dutch, but also by German, French, English and even Spanish preachers. One of them was the German Jodocus a Stetten. Once in Brazil (1632), he served mostly as a military chaplain. Fifteen years later, he was captured and taken to Bahia, home of the Portuguese governor and the Roman Catholic bishop. Word reached Recife that they would burn him so that he could never preach again. The Dutch tried in vain to exchange him for Portuguese prisoners. In 1651 he was transported to Portugal to be never heard again of. His widow received financial assistance for the family until her death in 1665. Several letters by Stetten survived in the Netherlands' National Archives in The Hague. One of these documents is an interesting report (1636) about his ministry in Paraíba: council meetings, baptisms, communion services, marriages, and *diaconia*. It is actually the first Reformed pastoral report from Latin America, certainly written as a defense during the time Stetten had been suspended temporarily from the ministry.

KEY WORDS

Dutch Brazil, Reformed church, Paraíba, Jodocus a Stetten, religious freedom, diaconia.

APÊNDICE – O TEXTO DO RELATÓRIO²⁵

(p1) Jornal das Igrejas da Paraíba
iniciado no ano de 1635²⁶ em 1º de outubro²⁷

por Dominus Jodocus â Stetten, nessa época Verbum Dei Minister no mesmo lugar.

(p2) –

(p3) Nome do predicante: Jodocus â Stetten.

Presbítero: Senhor Ypo Eysens

Diácono: Comandante Willem Cornelissen, Mentsche Frantssen

Professor [primário]: Johan Tacke

Tocador do sino: Antonius Classen

(p4) –

[CONSELHO]

(p5) Primeiro Conselho

Foi no ano de 1635, no dia 10 de novembro, sob a presidência de Jodocus â Stetten. Estavam presentes D. Samuel Bachiler, pastor, e o tribuno militar Johan Goedtladt.

Compareceram à reunião Johannes Hartman Osterdach, pastor, e com ele Jacques van der Neusen, burgomestre. Queixando-se, relatam como uma negra, de nome Francisca, chegou da Ilha de Fernando de Noronha. Antes disso ela morou durante cerca de quatro meses na casa do Capitão Day, na cidade de Olinda, onde foi mantida presa. Naquele tempo ela teve o seu mês e na mesma ocasião foi confinada na casa do Cap. Day. Ela não conheceu outro homem além do mencionado Cap. Day, de quem ficou grávida. Depois disso, ela morou com ele no Recife. Mas quando o mencionado capitão percebeu que a barriga dela começava a crescer, disse-lhe que ela precisava se mudar para que não desse à luz na sua casa e o bebê fosse considerado dele. Então, a dita Francisca, contra a sua vontade, foi levada a bordo para que ficasse com conhecidos dela. Ela se escondeu. Mas depois, falando novamente com o dito capitão, disse que queria ir à Ilha de Fernando Noronha, ao que o dito capitão respondeu: Então, pelo diabo, vá aonde quiseres, mas não diga que eu sou o pai do bebê.

²⁵ O texto é do manuscrito in ARA-VWIS 1408, pois não foi localizado in ARA-OWIC 51. A tradução, com alguns acréscimos explicativos em colchetes, é de FLS. Os acréscimos entre parênteses são de Stetten.

²⁶ Difícil leitura do manuscrito, pois Stetten corrigiu 1636 para 1635 ou o inverso (como fez na página 11). Deve ser 1635, pois depois escreve: ‘primus conventus fuit Anno 1635’, p. 5.

²⁷ Para indicar os últimos meses usava-se, às vezes, números na base das palavras latinas. Assim: ‘den 1sten 8ber’, primeiro de 8bro = *octo* (oito) = outubro (p1); 9ber = *novem* (nove) = novembro (p5); 10ber = *decem* (dez) = dezembro (p16).

(p6) *Depois de chegar à ilha com uns 6 meses de gravidez, ficando ali uns 3 meses, ela deu à luz uma menina, chamada Elunam, que, no ano de 1632, foi batizada pelo consolador Duyreck Janssen.²⁸ Obs.: Essa criança era tão grande quando apresentada para o batismo que já podia andar. As testemunhas são Hyronimus Bayva e o negociante de Reni.*

2. Mesmo dia. O senhor Major Johan Goedtladt pede que Duyreck Janssen, antes consolador na Ilha Fernando, seja destacado no forte Santo Antoni para que possa fazer os cultos tanto em inglês como em holandês; e que Jan Tacque sirva na cidade porque não pode dirigir os cultos em inglês. Foi decidido e concluído desta forma.

3. Danbij, um soldado sob o Cap. Boonet, atualmente no Recife (pelo que dizem), se serve de outras mulheres, mas deixou sua própria aqui no forte S. Antoni. É necessário que essa questão seja resolvida e colocada em ordem, e se escreva ao Recife para que se dê atenção a este assunto.

4. *Samson Calva foi nomeado provisoriamente como leitor²⁹ dos ingleses no forte S. Catalina.*

(p7) Segundo conselho

No dia 2 de janeiro do ano de 1636. Presentes também o senhor Ipo Eijssen (e) o rev. Bachiler. Foi eleito diácono o senhor comandante Willem Cornelissen. Os proclamas foram feitos assim: o primeiro no dia 6 de janeiro, o segundo no dia 13 e o terceiro no dia 20; a confirmação, no dia 27 do mesmo mês.

Terceiro conselho

No dia 26 de janeiro do ano de 1636. Presentes: Rev. Jodocus â Stetten, senhor Ipo Eijssens, sr. Willem Corne[lissen].

1. Compareceu o capitão Baut, que pediu e implorou sincera e insistentemente que lhe fosse enviado um consolador, porque ele, com o seu povo, estão sozinho na Ilha [Fernando de Noronha], nunca podendo vir [para terra firme], e estão completamente desprovidos do culto a Deus. Foi considerado e aprovado enviar-lhe Christian Christianssen (embora precariamente) até que seja conseguido outro.

2. *Compareceu uma jovem de uns 18 anos, filha legítima de Simon Lion. NB: Quando este se tornou judeu, foi chamado de Abraham Lion. Sua esposa Phillippina de Vonceca, quando se tornou judia, foi chamada de Sara de Vonceca. Deles procedeu (em matrimônio legítimo) a dita jovem chamada Judit, a qual por zelo e incitação do Espírito Santo insistiu muito fortemente em se unir à religião cristã. Por isso, a dita moça³⁰ foi instruída por mim durante 8 semanas nos fundamentos da religião, e, em seguida, examinada no Conselho, respondendo a tudo de uma forma*

²⁸ Instrução específica para o consolador Deericx Jansz destinado a Fernando de Noronha (1632): também batizar e celebrar casamentos; no Livro 18a do Presbitério de Amsterdam (1589-1635), 1632, p. 35.

²⁹ Consolador, leitor ou admoestador, cf. *Ibid.*, p. 194.

³⁰ Tradução incerta (Rev. K. Kuiper: *obgedachte, bovenbedoelde?*).

(p8) que o Conselho teve motivo, não somente de muito bom contentamento e de grande admiração, mas também de agradecer a Deus, o Senhor. Por isso, não vimos razão de atrasá-la na sua intenção cristã, mas ela foi admitida e incorporada tanto em Jesus Cristo como na sua santa igreja, sendo ela chamada Christina.

3. Compareceu um soldado do Capitão Staelperdt com provas suficientes de que não foi batizado, pedindo respeitosamente para ser incorporado no Senhor Jesus Cristo e na sua santa igreja. Ele também foi instruído por nós e posteriormente examinado pelo Conselho, sendo constatado que o seu pedido cristão e muito piedoso não pôde ser recusado. Seu nome era Lodewick Willemsen, filho ([na margem] NB: ilegítimo) da esposa de Willem Geressen, Elisabeta, morando em Wesel. E o dito Lodewic foi chamado Wilhem. Deus queira lhe conceder que ele seja e fique firme. Amém.

4. *Desde que o nosso sino é um pouco pequeno e dificilmente pode ser ouvido em todo lugar, além do fato de que o badalar dos sinos dos conventos impede que se saiba se o nosso [já] foi tocado e qual o sinal que foi dado,³¹ foi decidido que o sineiro tocará desta forma: na primeira batida um toque, na segunda dois, na terceira três.*

(p9) Quarto conselho

No dia 11 de fevereiro do ano de 1636. Presentes: Jodocus â Stetten, Samuel Bachiler, senhor comandante Willem Cornelissen. Foi tratado do consolador do forte S. Antoni, que, querendo permanecer aqui [no Brasil], pergunta se é permitido trazer a sua mulher para cá [da Holanda]. Por isso ele solicita de nós um atestado [de boa conduta], para que os Senhores Diretores [na Holanda] fiquem mais dispostos a enviar a sua esposa.³² Foi-lhe concedido tudo.

NB. Isto foi anulado em Recife (ex gratia) e ele ([na margem] Duijreck Janssen) demitido, pois, quando [soube] que teria de fazer como eu e os outros, acompanhando o exército,³³ ele não quis permanecer mais, com medo de perder a vida.

2. Compareceu Lewis van Pückelen com sua esposa, pedindo, sendo membros desta igreja, um atestado, o que foi aprovado.

³¹ *ende het hoe verste geluydt het sij.*

³² ‘H. bewinthebers’ são os Senhores XIX, diretores da Companhia. ‘Sijn huys’ (sua casa), de certo não família, mas sua esposa, como em p. 15 ‘sijn huys Dorotea’.

³³ Trecho de interpretação difícil (*want als hij glick ic ende andern moeten doen soude het leger volgen*). Rev Klaas Kuiper (lembrando-se que pastores e consoladores podiam levar suas esposas, ou pedir enviá-las depois), sugere, que depois de receber a licença pedida, o Janssen soube que teria de servir como consolador no exército (como Stetten e outros capelães), e, temendo pela sua vida, desistiu do seu projeto. Conseqüentemente, seu contrato não foi prolongado, mas ele foi libertado pacificamente (*demitido; ex gratia*) do seu serviço, podendo regressar para a Holanda.

3. Desde que o professor tem de se mudar, foi tratado de conseguir outra casa.

4. O professor foi admoestado a usar de mais diligência com os jovens.

5. *Ao diácono Com. Willem entreguei onze schelling para os pobres.*³⁴

Quinto conselho

No dia 8 de março do ano de 1636. Presente todo o conselho.

Resolveu-se que Mentsche Frantssen fosse colocado como segundo diácono. Foram feitos os proclamas em ordem: o primeiro no dia 9 de março, o segundo no dia 16 de março, o terceiro no dia 24 de março; a confirmação no mesmo dia.

(p10) -

[SANTA CEIA]

(p11) Pela graça de Deus, a Santa Ceia foi celebrada na Paraíba pela primeira vez no dia 25 de dezembro do ano de 1635.³⁵ Foi por ordem minha, Jodocus à Stetten, pois, embora já tivéssemos a cidade há um ano, e a Santa Ceia fosse anunciada várias vezes, não foi celebrada por desculpas menores e inválidas. Mas quando cheguei ali para cumprir a minha vocação naquele lugar, comissionado pelo conselho do Recife para colocar tudo em boa ordem, fiz, com a ajuda de Deus, o máximo que pude, como em todas as igrejas aqui no Brasil. Pois isto posso dizer com razão, que não há igreja no Brasil sob a jurisdição dos Senhores Diretores³⁶ que não tenha sido colocado nesse tal pé, como os protocolos mesmos mostram.³⁷ Mas, infelizmente, a Paraíba me fez sofrer muito, [mas] sobre este assunto [falarei] em outro lugar.

Os comungantes foram nominalmente:

Jodocus à Stetten, Comandante Capitão Stalperdt, Comandante Willem Cornelissen, Pitter Weyden comerciante livre,³⁸ Hans Berg, Anna Sybrandtsen de Dockum [na Frísia], Andrys Angersteyn com sua esposa Margritta.

³⁴ Um *schelling* valia 30 centavos de um florin. Sobre dinheiro holandês da época, cf. *Ibid.*, p. 86 n.163.

³⁵ Como na p1 do relatório, Stetten corrigiu o ano: 1635 ou 1636. Deve ser 25/12/1635, e não 25/12/1636, porque, a) não estão presentes o soldado Lodewijk Willemsen nem a moça judia Christina (Judite) Lion, ambos examinados pelo conselho de 26/1/1636; b) Stetten informa que a primeira ceia foi celebrada um ano depois da captura da cidade (natal 1634). Uma certa dúvida suscita a menção de Mentsche Franssen chamado ‘diacon’, porém somente nomeado no conselho de 8/3/1636. De certo, a lista foi feita depois, porque também na p3 Franssen foi chamado ‘diacon’.

³⁶ ‘onder der E.E. heeren bew[indhebbers] iuris dictie’, referindo-se aos ‘honráveis Senhores XIX’, a direção da Companhia das Índias Ocidentais, constituindo para todos os efeitos legais o governo no Brasil holandês (através de ‘conselheiros’, nomeados para a administração das possessões ultramarinas). Na época do relatório, o Conde João Maurício de Nassau-Siegen (1637-1644), não tinha chegado ainda. Cf. *Ibid.*, p. 50ss.

³⁷ Estes protocolos (‘protu[kollen]’) e outros livros de atas de igrejas locais não foram localizados ainda. Cf. *Ibid.*, Bibliografia 16.2.3 (14.2.3 na 3a ed.).

³⁸ A sociedade conhecia ‘*vrijluiden*’, pessoas livres, não no rol da Companhia, nem escravos.

(p12) Jost Kuck tenente, Willem van Dueynen, Jan Janssen de Hoorn, Lowis Pieroo, Jan Secretan, Clas Classen, Johanne Canin, Jacob Pietters, Comandante Walraben van Matburg, Jacob van Rijck tenente, Isac Boda, Pjere Vijnnet, Jan Reyers, Hendric Janssen, Jacques Lotlüte, Jan Attiens, Barent Richtlens, Jacob Sterck, Herman Janssen, Dirck Janssen consolador, Tomas Walter, Laurens Keyser, Ostwaldt Scholt, Herman Pap,

(p13) Gerhardt Hac, Abselom Vlat, Mangnies Hermanssen, Vijt Restingen, Lowys Wackenier porta-estandarte, Willem Lamots porta-estandarte, com sua esposa Tringen, Jan Tacque professor, Antoni Classen sineiro, com sua esposa Cataling, Jan ter Joost, Henricu Petreus auditor, Lowijs van Pueckelen, sua esposa Anna, Mentsche Frantsen diácono, Gerrit Doenissen capitão de armas, Henderick Burgers soldado de Middelburg [Zelândia], Frantz Martin, Jacob Frantszen, Jan Laurensen, Dominicus van der Sticht, Jacob Janssen Wijnrers, Arian Jacobssen, Lisabet Cornelissen de Jan Doenissen, Bernhardt Dolleboer, fidalgo Reynier Gruierter porta-estandarte sob Stal[perdt],

(p14) Tomas Bruun, Jan Janssen, Joris Black, Tomas Davidts, Philips Henebrecht, Davidt Schmit.

[BATISMO]

(p15) O Santo Batismo ministrado.

No dia 29 de outubro de 1635 compareceu diante de nós Antoni Roderigo com sua esposa Catelina, ambos negros. Como pai e mãe, pediram o Santo Batismo Cristão para seu jovem herdeiro que Deus lhes concedeu no seu matrimônio. Eles não somente foram indagados sobre o que têm e acreditam de Deus e da religião cristã, mas também por mim instruídos nos fundamentos. Foi a contento e, em seguida, foi batizado o seu filho. Mantenho esse tipo de ordem ao batizar filhos de negros, porque batizei o primeiro [filho de negros] no Brasil. NB. Em caso de não poder falar com eles como requerido pela necessidade, faço uso de um tradutor.

No dia 25 do mesmo [mês] do ano de 1635, o D. Samuel Bachiler, pastor, apresentou para o batismo um filhinho que Deus lhe concedeu no seu estado matrimonial com a sua esposa Tabita. As testemunhas foram o nobre Senhor Jan Goedtladt, Senhor Comandante Willem Cornelissen, com³⁹ a Senhora Catarina Stalperdts. A criança recebeu o nome de Goedladt.

No dia 12 de dezembro do ano de 1635 foi batizado no forte S. Catarina um filho homem de Christofel Groener que o ganhou em estado matrimonial com sua esposa Altgen [Aaltje]. Testemunhas: Luete van Rijck, Hans Bieler, com sua esposa Dorotea. A criança foi chamada Johannes.

(p16) Batizei outros não somente na Paraíba, mas em todas as igrejas. Somente indico [aqui] o modo; cada batismo foi registrado no protocolo, separadamente e em diversos lugares.

³⁹ Tradução incerta (*metgen*.[oemde?], mencionada).

[MATRIMÔNIO]

(p17) Conforme a ordem foram confirmados no estado matrimonial:

No dia 11 de novembro do ano de 1635 compareceram diante de nós o nobre corajoso Tomas Nicklassen, Capitão sobre um comando a pé, nascido em Poeten, filho legítimo de Rogier Niclassen, cidadão do mesmo lugar; e a senhorita Abigail, filha⁴⁰ do rev. D. Samuel Bachiler, pastor neste lugar entre os ingleses, com os parentes dos dois lados e amigos, pedindo que os dois não somente sejam admitidos ao estado matrimonial, mas [também], conforme a ordem, sejam confirmados.⁴¹ A estes, depois de verificação e exame, foi concedido para serem confirmados, na ordem seguinte: o primeiro proclama no dia 11 de novembro, o segundo no dia 18, o terceiro no dia 25, [e] a confirmação no mesmo dia. Desta forma faço em todos os casos.

[DIACONIA]

(p18) Percebendo a necessidade dos pobres, mandei que fosse reunida alguma coisa para o seu bem, [e] que uma bacia fosse colocada até que depois os meios corretos pudessem ser usados. Já houve um bom começo, porque em cada pregação são dados 8, 9 e 10 schellingen. A [verificação da] conta dos diáconos será realizada a cada 5 meses. Assim, esperamos que o decorrer do tempo⁴² e principalmente a ação do Espírito Santo nos corações dos crentes darão bons meios para ajudar os pobres.

⁴⁰ J.D., *jongedochter*, filha moça.

⁴¹ A igreja reformada lutava para sanar a situação matrimonial confusa, também na Holanda. Cf. *Ibid.*, p. 419.

⁴² *den tijdt gewordei*